

ARTIGO

**MULTILETRAMENTOS ANTIRRACISTAS POR MEIO DE UMA PRÁTICA DE
ESCRITA MULTIMODAL EM UMA REDE SOCIAL**

(Anti-racist multiliteracies through a practice of multimodal writing on a social network)

(Multiletramientos antirracistas a través de una práctica de escritura multimodal en una red social)

Carlos José Lírio¹
(Universidade Federal de São Paulo)

Petilson Alan Pinheiro²
(Universidade Estadual de Campinas)

Recebido em: março de 2022

Aceito em: junho de 2022

DOI: 10.26512/les.v23i2.42515

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É professor adjunto do Departamento de Letras, na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH), na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), onde integra o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UNIFESP). É membro do Grupo de Pesquisa do CNPq Multiletramentos na escola por meio da hipermídia, sediado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: clirio@unifesp.br

² Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pós-doutor pela University of Illinois, em Urbana-Champaign, Estados Unidos. É professor e diretor associado do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, onde atua no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada nas áreas de Linguagem, Educação e Sociedade. É também coordenador do Grupo de Pesquisa do CNPq Multiletramentos na escola por meio da hipermídia. E-mail: petrilso@unicamp.br

RESUMO

Neste artigo, refletimos acerca da natureza socioeducativa e política do que denominamos de multiletramentos antirracistas, caracterizando-os à luz da linguística aplicada crítica (PENNYCOOK, 2001; URZÊDA-FREITAS; PESSOA, 2012) e da pedagogia dos multiletramentos (CAZDEN et al., 1996; COPE; KALANTZIS, 2000, 2009; KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020). Assim, analisamos uma sequência de tweets da rede social Twitter, refletindo sobre a relevância da pesquisa narrativa (MOEN, 2006) e argumentando a favor do seu uso na abordagem de questões sobre antirracismo (GOMES, 2005, 2007; GUIMARÃES, 1999) na internet. Finalizamos levantando questões sobre “saber” e “poder” na internet, e luta antirracista.

Palavras-chave: *Multiletramentos antirracistas. Linguística aplicada crítica. Pesquisa narrativa. Internet.*

ABSTRACT

In this article, we reflect on the socio-educational and political character of what we call anti-racist multiliteracies, characterizing it them in the light of critical applied linguistics (PENNYCOOK, 2001; URZÊDA-FREITAS; PESSOA, 2012) and of the pedagogy of multiliteracies (CAZDEN et al., 1996; COPE; KALANTZIS, 2000, 2009; KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020). Thus, we analyze a sequence of tweets from the Twitter social network, reflecting on the relevance of narrative research (MOEN, 2006) in addressing questions issues about anti-racism (GOMES, 2005, 2007; GUIMARÃES, 1999) on the Internet. We end by raising questions about "knowledge" and "power" on the internet, and anti-racist struggle.

Keywords: *Anti-racist multiliteracies. Critical applied linguistics. Narrative research. Internet.*

RESUMEN

En este artículo, reflexionamos sobre el carácter socioeducativo y político de lo que llamamos multiletramientos antirracistas, caracterizándolos a la luz de la lingüística aplicada crítica (PENNYCOOK, 2001; URZÊDA-FREITAS; PESSOA, 2012) y la pedagogía de multiletramientos (CAZDEN et al., 1996; COPE; KALANTZIS, 2000, 2009; KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020). Así, analizamos una secuencia de tuits, reflexionando sobre la relevancia de la investigación narrativa (MOEN, 2006) en el abordaje de cuestiones sobre antirracismo (GOMES, 2005, 2007; GUIMARÃES, 1999) en internet. Finalizamos planteando interrogantes sobre el “saber” y el “poder” en internet y lucha antirracista.

Palabras clave: *Multiletramientos antirracistas. Lingüística aplicada crítica. Investigación narrativa. Internet.*

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, temos nos deparado cada vez mais com diferentes formas de produzir, veicular e consumir textos, por meio de tecnologias digitais da informação e da comunicação (doravante, TDIC) que vêm fortemente impactando a vida social e cultural de nossas sociedades e, em particular, têm possibilitado novos letramentos. Essas tecnologias vêm cada vez mais disponibilizando condições técnicas e socioculturais para a ampliação de práticas comunicativas no mundo digital, nas quais as pessoas não apenas recebem, mas também publicam informações no sistema, desconstruindo-se, assim, as próprias categorias tradicionais de autor e de leitor.

Entre as TDIC atuais, as redes sociais da Internet, como o *Twitter*, vêm exercendo um papel cada vez mais central nas práticas de letramentos atuais, seja pela sua estrutura e complexidade

multimodal, que nos faz experimentar novos aparatos digitais, seja pela sua imensa diversidade linguística, cultural e social, o que nos possibilita questionar e rever conceitos relacionados a identidades, valores, crenças e atitudes.

Diante desse contexto e tomando como pano de fundo questões que consideramos de grande relevância para o cenário sócio-histórico-político (nacional e global) que ora nos são apresentadas, nosso objetivo neste artigo é refletir acerca da natureza socioeducativa e política de determinada atividade de letramento realizada na rede social *Twitter*, atividade esta que se insere naquilo que denominamos de *multiletramentos antirracistas*, caracterizando-os a partir da ótica da linguística aplicada crítica (LAC) (PENNYCOOK, 2001; URZÊDA-FREITAS; PESSOA, 2012), e refletir sobre a relevância da pesquisa narrativa (MOEN, 2006) para o estudo e mobilização dos *multiletramentos antirracistas*.

Para tanto, analisamos uma sequência de *tweets* (um *thread*), argumentando a favor da premissa de que a pesquisa narrativa pode ser útil para a abordagem de questões que envolvam educação das relações étnico-raciais (GOMES, 2005, 2007) e antirracismo (GUIMARÃES, 1999) na internet. Isto porque, a nosso ver, uma perspectiva que (re)centralize o ato de recontar experiências vividas favorecerá a convergência entre trabalho acadêmico e ação política.

Nesse sentido, ao longo deste estudo, buscamos apresentar alguns elementos que propiciem uma primeira configuração daquilo que (provisoriamente) denominamos de *multiletramentos antirracistas*, tomando como base os multiletramentos, amparados pela noção teórico-analítica de *design* (CAZDEN *et al.*, 1996; COPE; KALANTZIS, 2000, 2009; KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020), bem como os conceitos de práticas de letramentos (BARTON; LEE, 2015) e de letramentos críticos (CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001; FREIRE, 1982; LUKE, 2004; MONT MÓR, 2015).

1. MULTILETRAMENTOS, *DESIGN* E LETRAMENTOS CRÍTICOS

A perspectiva dos multiletramentos é proveniente do Manifesto, publicado em 1996, intitulado *A pedagogy of multiliteracies: designing social futures*, em que um grupo de pesquisadores denominados *The New London Group* (NLG) tinha como interesse comum discutir uma pedagogia que pudesse repensar textos e práticas, movendo o campo do *letramento* (no singular) para *letramentos* (no plural) e considerando “[...] modos de representação muito mais amplos do que apenas a língua.” (CAZDEN *et al.*, 1996, p. 64, tradução nossa).

Para expandir essa compreensão sobre multiletramentos, o grupo se apoiou em dois argumentos que já se enquadravam dentro de uma então “[...] nova ordem global, cultural e

institucional emergente: a multiplicidade de canais e meios de comunicação e a crescente saliência de diversidade linguística e cultural.” (CAZDEN *et al.*, 1996, p. 63, tradução nossa). O primeiro argumento está relacionado “[...] à crescente multiplicidade e integração de modos de construção de significado, em que o textual está integrado ao visual, ao áudio, ao espacial, ao comportamental etc. Isso é particularmente importante na mídia de massa, na multimídia e na hipermídia eletrônica.” (CAZDEN *et al.*, 1996, p. 64), uma vez que, “Em um sentido profundo, toda construção de significado é Multimodal.” (COPE; KALANTZIS, 2000, p. 29, tradução nossa).

O segundo argumento se apoia nas diferenças culturais e linguísticas de uma sociedade cada vez mais globalizada, em que

Lidar com as diferenças linguísticas e culturais se tornou central para a pragmática de nossas vidas profissionais, cívicas e privadas. Uma efetiva cidadania e um trabalho produtivo requerem que possamos interagir efetivamente usando múltiplas linguagens, em múltiplos idiomas e padrões de comunicação que cruzam fronteiras nacionais, culturais e comunitárias (CAZDEN *et al.*, 1996, p. 64, tradução nossa).

Com base nesses dois argumentos, o grupo chamou, então, a atenção para o fato de que as vivências dos estudantes, em geral, já estavam se tornando cada vez mais globais, o que já lhes possibilitava lidar com uma imensa diversidade linguística e cultural. Assim, o NLG defendia um ensino voltado para projetos que considerassem as diferenças multiculturais existentes, dando visibilidade às dimensões profissional, pessoal e de participação cívica (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020).

Uma maneira que o grupo encontrou em seu manifesto para contemplar essas três dimensões da vida social foi através de um conceito-chave da pedagogia dos multiletramentos: o *design*. O conceito é uma (re)apropriação do termo “*design*” da dimensão profissional (do mundo do trabalho) para as outras duas dimensões da vida social (pessoal e de participação cívica), na tentativa de colocá-las também sob escrutínio de interpretações e ressignificações possíveis em diferentes contextos, tornando-as, outrossim, suscetíveis ao dinamismo, interesse pessoal e capacidade de transformação (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020). Para o NLG, então, o *design* se forma por meio de um processo de construção de sentidos cuja constituição se dá pela inter-relação de três componentes básicos: *available designs*, *designing* e *redesigned*³.

³ O termo *design* (em inglês), na concepção com a qual estamos lidando nesta introdução, engloba tanto um sentido mais restrito, isto é, uma instanciação de convenções e recursos construídos e reificados socioculturalmente, como também apresenta um sentido mais amplo, que se constitui por meio de um processo de retrabalho, que leva à sua própria ressignificação/transformação. Dada a ambivalência do termo, decidimos, portanto, não o traduzir (incluindo seus componentes básicos) para o português, visto que a tradução poderia não contemplar ou ainda distorcer, de alguma forma, a própria ambivalência que se pretende justamente salientar.

Em linhas gerais, o *available designs* é aquilo que é disponibilizado pelas formas de representação, os recursos do contexto, da cultura e das convenções. O *designing* se caracteriza pela capacidade de uso de um conteúdo conhecido para desenvolver, transformar e apropriar-se dele convenientemente. O *redesigned*, por sua vez, realiza-se por meio do que pode ser reorganizado pelo sujeito e reconfigurado para o seu mundo, abarcando, por assim dizer, a própria ação durante o processo de construção de significados (COPE; KALANTZIS, 2000, 2009).

Lidar com essa complexa visão de *design* em três níveis nos mobiliza também a adotar uma postura crítica em relação a padrões, julgamentos e ações que constituem as práticas de letramentos, sobretudo no contexto atual das TDIC. Nesse sentido, alguns autores (CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001; GEE, 1996; LUKE, 2004) propõem uma perspectiva de letramento crítica, fortemente influenciada pela teoria crítica social de Paulo Freire (1982), cujo objetivo é considerar os letramentos como práticas sociodiscursivas que permitem uma compreensão crítica e um questionamento de forças e construtos ideológicos, de modo a “empoderar” e transformar indivíduos. Dentro dessa perspectiva, o conceito de letramento crítico, conforme apontam Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), é baseado na ideia de que as representações são sempre ideológicas, que influenciam e constituem as práticas sociais, e que os sujeitos nelas envolvidos devem estar conscientes de tais representações, de modo a aprender a se posicionarem criticamente sobre elas.

Assim, em conformidade com o conceito de letramento crítico, os alunos devem estar conscientes de tais representações para aprender a se posicionarem criticamente sobre elas (CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001). Nesse sentido, o “[...] letramento crítico parte da premissa de que a linguagem tem natureza política, em função das relações de poder nela presentes. Em vista disso, compreende-se que todo discurso – em acepção ampla, independente da modalidade e contexto em que se apresenta – é permeado por ideologias.” (MONT MÓR, 2015, p. 9). Os discursos, permeados por ideologias, estão no cerne da questão do racismo no Brasil e, por sua vez, nas práticas de letramentos antirracistas.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O RACISMO NO BRASIL E NOVAS PRÁTICAS DE LETRAMENTOS ANTIRRACISTAS

A discussão sobre multiletramentos e letramentos críticos nos é particularmente relevante para compreender a concepção de Linguística Aplicada Crítica (LAC), que, segundo Pennycook (2001), ocupa-se de uma investigação social crítica centrada em questões de acesso, relações de poder, diferença e resistência. Isso, por sua vez, propicia (e exige) um posicionamento politicamente explícito e voltado para o trabalho crítico engajado com a mudança social, uma vez que se assenta em uma teoria crítica preocupada com desigualdades, injustiça e direitos sociais.

Assim, os objetos de investigação social de que trata a LAC e as preocupações da teoria crítica que a sustentam são consideravelmente relevantes para o entendimento e enfrentamento do racismo que, historicamente, permeia e caracteriza a sociedade brasileira. Nesse sentido, Gomes (2007) destaca que o contexto sócio-histórico-cultural e político que caracteriza o racismo no Brasil possui as seguintes peculiaridades: um longo período escravagista, bem como a colonização e dominação político-cultural de certos grupos sociais e étnico-raciais, a resistência dos afrodescendentes à escravização, uma abolição da escravatura tensa e cercada de várias formas de negociação, envolvendo, nesse processo, um regime republicano que desprezou a necessidade de integrar os(as) africanos(as) e afro-brasileiros(as) libertos(as), o autoritarismo e os golpes militares que marcaram a república, o papel dos movimentos sociais, em busca do retorno da democracia ao Estado e à sociedade civil, durante os anos oitenta do século vinte, a que se somaram o neoliberalismo e a crescente globalização capitalista.

Gomes também afirma que apenas por meio da superação do racismo e da desigualdade racial haverá modificações mais éticas e solidárias que possibilitem, de um lado, uma justiça social efetiva e o exercício pleno da cidadania, e, de outro lado, o direito à diversidade, porque, segundo ela, tal processo proporcionaria uma reeducação sociocultural e política dos brasileiros.

Com efeito, compreendemos a relevância da educação das relações étnico-raciais na formação básica da população brasileira, mormente em virtude da especificidade desse tipo de relações sociais e dos seus pontos tensivos⁴. A esse respeito, Gomes (2005, p.60) afirma que “[...] existe uma produção mais consistente sobre a temática racial que deve ser incorporada como fonte de estudo individual e coletivo dos(as) educadores(as).”

Entretanto, consideramos que há ainda (e cada vez mais) uma demanda pela incorporação de epistemologias que possibilitem a compreensão de ações antirracistas que ocorrem nos ambientes virtuais, sobretudo após o advento das redes sociais. Nesse sentido, Barton e Lee (2015, p.53) asseveram:

A internet encoraja muitos tipos de relações e formas de interação, incluindo grupos de afinidade, mas vai além deles. As pessoas podem interagir sem a presença física e sem papéis claros ou rígidos. Podem participar sob anonimato, usando identidades inventadas, e com novas noções de audiência. Todos esses fatores podem resultar em novas e diferentes formas de participação. Além disso, como já deixamos claro, não é realmente possível separar atividade *online* e *offline*, e as pessoas podem ter fortes laços *offline* em qualquer site *online*. (grifos dos autores).

⁴ Nesse sentido, ações concretas foram realizadas pelo Estado brasileiro, sobretudo no nível federal, dentre as quais se destacam a promulgação da Lei Federal 10.639, sancionada pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 09 de janeiro de 2003 (e complementada, posteriormente, pela Lei Federal 11.645/2008), tornando obrigatório o ensino da temática História e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino básico.

Ainda segundo esses autores, “Para nossos propósitos, precisamos estar cientes das diferentes formas de participação e dos diferentes propósitos ao teorizar questões relacionadas com a linguagem *online*.” (BARTON; LEE, 2015, p.53, grifo dos autores). Uma forma de atividade de escrita *on-line* que consideramos bastante relevante atualmente é a que acontece na rede social *Twitter*, que pode, a nosso ver, favorecer os *multiletramentos antirracistas*.

Diferentemente das mídias de massa, cujo modelo de comunicação atua, segundo Blommaert (2020, p. 392, tradução nossa), “[...] como um canal intensificador e expansivo para os interesses dos poderosos, e seu monopólio na esfera pública garante efeitos de propaganda na 'opinião pública.'”, nas redes sociais, como o *Twitter*, a “esfera pública” está profundamente fragmentada, visto que se pulveriza em nichos específicos, cuja lógica de comunicação é também complexa e fragmentada, que envolve atores humanos e não humanos (algoritmos). As redes sociais se configuram, portanto, como espaços de práticas de letramentos ainda mais complexas e imprevisíveis, uma vez que seus resultados são cada vez mais difíceis de serem previstos *a priori*. Isso faz com que as práticas dos *multiletramentos antirracistas*, apoiadas nas noções de *design* e de letramentos críticos, se tornem mais imprescindíveis do que nunca.

3. UMA (RE)AÇÃO DE (AUTO)DEFESA: A PRÁTICA DOS MULTILETRAMENTOS ANTIRRACISTAS

Segundo Guimarães (1999, p. 205-206),

As relações raciais estão amparadas num sistema mais amplo, de hierarquização social e de desigualdade de tratamento perante a lei, que contamina todas as relações sociais. Se a segregação informal dos negros foi a norma no Brasil até pouco tempo atrás, pode-se dizer, sem risco de errar, que o tratamento desigual dos indivíduos perante a lei é, ainda hoje, prática corrente, e também informal. O mesmo fenômeno de estereotipia negativa dos traços somáticos negros fundamenta o mecanismo de “suspeição policial”, que torna os negros as vítimas preferenciais do arbítrio dos policiais e dos guardas de seguranças, nas ruas, transportes coletivos, lojas de departamento, bancos e supermercados.

Essa citação serve, aqui, para explicitar e explicar, numa perspectiva sociológica, o que ocorre cotidianamente na sociedade brasileira, em especial, nos grandes centros urbanos. Nesse sentido, Guimarães (1999) procura nos dar uma dimensão (ainda que teórica) de como traços fenotípicos africanos favorecem (e, via de regra, são usados como justificativa para) um tratamento desigual das pessoas perante a lei, sobretudo, em casos marcados por suspeição policial.

Com efeito, consideramos relevante trazer para este artigo um fato bem recente, publicizado mais intensamente na rede social *Twitter*, que entendemos como uma atividade de *multiletramentos antirracista*. Isso porque tal fato, a nosso ver, além de conferir concretude ao fenômeno sociológico

descrito anteriormente, favorece, necessária, apropriada e inevitavelmente, a partilha de outros modos de estar no mundo, o que se remete à afirmação de Ratts (2007, p. 53), segundo a qual:

Inúmeros temas “acadêmicos” nascem fora dos muros universitários ou ganham contornos próprios quando desenvolvidos por sujeitos diretamente inseridos na temática, a exemplo do gênero discutido sobretudo por mulheres e da raça pensada mormente por negros(as).

No dia 04 de novembro de 2019, foi publicado no *site* do provedor Universo On Line (UOL) a matéria intitulada “Mulher denuncia racismo em loja de SP: ‘Para eles eu era ladra e ponto’”⁵, produzida por Mariana Gonzalez. Essa matéria jornalística continha uma sequência de mensagens postadas por alguns usuários no *Twitter*, repercutindo um fato ocorrido quarenta e oito horas antes. Dentre as mensagens, uma, em especial, chamou-nos a atenção: o *post* inicial, deflagrador das respostas de outros usuários.

Ao clicarmos na imagem que, junto com o texto escrito, constituía o *post* em questão, fomos encaminhados à página inicial da conta do *Twitter* do responsável. Assim, pudemos ter acesso à seguinte Sequência de *tweets*, aqui apresentada em sua ordem cronológica original.

Figura 1 - Sequência de *tweets* sobre crime de racismo ocorrido em loja da rede C&A



⁵ O endereço eletrônico do *site* e *link* para acessá-lo constam nas referências.



Jonas @jonasdiandrade · 4 de nov

Testemunhas, a maioria mulheres negras que trabalham a cerca da loja, afirmaram que nessa loja sempre ocorrem crimes de racismo, ou seja, não foi a primeira vez.

A foto foi realizada no 2ºDp, enquanto a vítima aguardava para registrar a ocorrência. Racistas não passarão!

2 824 6,7 mil



Jonas @jonasdiandrade · 4 de nov

Sugiro boicote a C&A que na verdade tem mais culpa nisso do que os próprios funcionários que cometeram.

Se tivessem um treinamento que abarcasse questões de discriminação, racismo e preconceito, seja ele qual for, talvez isso não tivesse ocorrido. #BoicoteACEA

12 683 5,5 mil



Jonas @jonasdiandrade · 4 de nov



Jonas @jonasdiandrade · 4 de nov

Cadê os ativistas de plantão para se mobilizarem?

É inadmissível. É intolerável. Racismo é crime e o culpado tem que ser responsabilizado.

Eu evito de ir ao shopping justamente porque fico completamente desconfortável quando entro nessas lojas. Isso afeta nosso psicológico.

10 482 4,3 mil



Jonas @jonasdiandrade · 4 de nov

Nota da C&A:

"A C&A não compactua com qualquer tipo de discriminação e preconceito. Sentimos muito pelo ocorrido e estamos trabalhando para apurar os fatos para que sejam tomadas as medidas necessárias. O respeito as pessoas e à diversidade faz parte dos nossos valores."

10 299 2,8 mil



Jonas @jonasdiandrade · 4 de nov

O caso foi relatado pelos @J_LIVRES.

É muito importante saber que há veículos de informação esse que também não compactua com o que acontece em nossa sociedade, principalmente vindo de empresas como a @cea_brasil.

RACISMO É CRIME!

#BoicoteACEA

8 314 2,7 mil



Jonas @jonasdiandrade · 5 de nov

A matéria que saiu sobre o caso da Charlete.

LEIAM E COMPREENDERÃO MELHOR O QUE ACONTECEU. REVOLTANTE DEMAIS!

Cliente é perseguida por segurança após sair de loja e relata racismo
Uma cozinheira de 43 anos afirma que foi vítima de racismo em uma loja da C&A, na rua 24 de maio, em São Paulo. O caso aconteceu no último...
bhaz.com.br

Jonas @jonasdiandrade · 5 de nov
Ela disse: "Vim colocar um crédito para minha filha e vi a blusa em promoção e comprei. De repente, eu sai, estava indo trabalhar, e fui abordada sendo acusada de roubo", disse Charlete. "Moça, volta comigo, o alarme tocou e sua bolsa será revista".
2 7 102

Jonas @jonasdiandrade · 5 de nov
A cozinheira chorou ao ser abordada pelos seguranças na porta da loja. "Minhas lágrimas não é porque sou frágil e fraquinha, eu sou raçuda, sou guerreira. Minhas lágrimas são pela indignação e a vergonha que eu fiquei (+)"
1 8 127

Jonas @jonasdiandrade · 5 de nov
As pessoas me olhando como se eu realmente tivesse roubado. Não sou ladrona, sou cidadã e trabalho", disse ela.
CARA, NÃO CONSEGUI NÃO CHORAR LENDO ISSO, SÉRIO. NÃO PODEMOS MAIS FICAR CALADOS.
A C&A tem que ser responsabilizada e pagar uma indenização à Charlete.
[#BoicoteACEA](#)
13 149

Fonte: twitter.com

A sequência de mensagens acima, a nosso ver, considerada no seu todo e, portanto, em um bloco indissociável de sentido, configura-se como amostra de uma prática de letramento *on-line* multimodal de caráter socioeducativo e político de combate ao racismo, que se insere naquilo que denominamos de *multiletramentos antirracistas*. Isso porque envolve a (re)ação de uma pessoa que não apenas se utiliza da escrita multimodal, em uma rede social, para defender alguém que foi vítima de um ato de racismo, mas também se preocupa em compartilhar seus sentimentos antirracistas com outras pessoas, sugerindo, inclusive, ações estratégicas antirracistas para o curto, médio ou longo prazo. Nesse caso, podemos dizer que não há uma distinção clara entre reagir pelo outro e agir com os outros contra o racismo.

Trata-se, de fato, de uma prática de *multiletramentos antirracistas*, pois, conforme apontamos anteriormente, o termo *multiletramentos* consubstancia a multiplicidade de canais de comunicação e mídia, bem como a importância da diversidade cultural e linguística (CAZDEN *et al.*, 1996), dois aspectos que devem ser considerados no que concerne à ordem global, cultural e institucional contemporânea.

No exemplo em questão, a prática dos *multiletramentos antirracistas* se revela associada a um conceito de *prática* ligado à noção de *design* (COPE; KALANTZIS, 2000, 2009; KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020), em que, partindo daquilo que é disponibilizado pelas formas de representação, os recursos do contexto, da cultura e das convenções (*available designs*), que, no exemplo, constitui-se, por um lado, como a prática cultural de racismo (“Cliente é perseguida por segurança após sair de loja e relata racismo”), e por outro, envolve a capacidade de transformar e apropriar-se do próprio ato de racismo (“CARA, NÃO CONSEGUI NÃO CHORAR LENDO ISSO, SÉRIO. NÃO PODEMOS MAIS FICAR CALADOS.”), por meio dos *tweets*, constituindo-se, assim, como um processo de resistência ao próprio racismo (*designing*). Esse processo, então, é reorganizado pelo sujeito, que o reconfigura para o seu mundo e os dos outros, possibilitando, com isso, uma reconstrução de significados, ou melhor, uma reconstrução do próprio racismo (“É inadmissível. É intolerável. Racismo é crime e o culpado tem que ser responsabilizado”) (*redesigned*).

Nesse processo de *design*, por meio dos recursos de seu *smartphone*, o sujeito opera com a própria noção de agência e a produção de sentidos do corpo, dos objetos e dos textos (“A foto foi realizada no 2ºDp, enquanto a vítima aguardava para registrar a ocorrência.”), assim como com as relações entre ação e discurso (BARTON; LEE, 2015), conforme se pode observar em “Racistas não passarão!”. Por essa ótica, então, é crucial termos em mente que “[...] ao pesquisar o uso da linguagem *online*, enfatizamos as vivências das pessoas e suas relações cotidianas com as tecnologias, ou o que é referido como tecnobiografias [...]” (BARTON; LEE, 2015, p.41, grifo dos autores).

Percebe-se, portanto, no exemplo em questão, o caráter socioeducativo e político dos *multiletramentos antirracistas*, propiciados pelo momento sócio-histórico atual (“Cadê os ativistas de plantão para se mobilizarem?”), que se constitui como a *era da transinformação*, “[...] em que a informação não apenas circula em uma rede global (rede mundial de computadores), mas também sofre metamorfoses por parte de qualquer usuário, tornando-se cada vez mais fluida e multifacetada, num processo de retroalimentação contínuo que transforma a si mesma.” (PINHEIRO, 2018, p. 7). Ainda que possa, em princípio, parecer um tanto utópico, entendemos que, justamente por estarmos vivenciando essa era da transinformação, estamos outrossim vinculados a um movimento epistemológico (provavelmente global) marcado por ações individuais que se tornam coletivas, mediante certas práticas *on-line*, possibilitando que as pessoas transitem da “teoria da prática” para a

“vida prática” (“Eu evito de ir ao shopping justamente porque fico completamente desconfortável quando entro nessas lojas. Isso afeta nosso psicológico.”).

Também entendemos que esse movimento epistemológico remete a um *conhecer* no sentido processual, ou seja, à dimensão prática e performativa de saber agir para perceber e atingir um determinado fim, que, por sua vez, está associada à concepção foucaultiana de saber (*savoir*), cuja genuinidade não é avaliada nem validada a partir de conhecimentos científicos, mas está assentada na multiplicidade de experiências que constituem as práticas sociais dos sujeitos, sendo a ciência apenas uma parte delas (PINHEIRO, 2018).

Nesse sentido, é possível afirmar que a natureza (indissociável) socioeducativa e política que caracteriza a prática de letramento *on-line* acima apontada se deve, em grande medida, ao fato de que, na era da transformação, cada vez mais, as pessoas reconhecem que a dissipação de suas angustias individuais exige que elas participem da resolução de problemas coletivos que, historicamente, afligem a humanidade. Tal é o caso do racismo, que justifica, então, as práticas de *multiletramentos antirracistas*, as quais, por seu turno, oferecem-se como saberes (*savoirs*) que, de um modo mais significativo, podem ser compreendidos e vivenciados pelos linguistas aplicados, conforme a seguinte afirmação de Pennycook (2001, p.7, tradução nossa):

[...] a linguística aplicada crítica é uma abordagem para questões relacionadas à linguagem que surge da suposição de que vivemos em um mundo de dor e que a linguística aplicada pode ter um papel importante na produção ou no alívio de parte dessa dor. Mas, é também uma visão que insiste não apenas no alívio da dor, mas também na possibilidade de mudança.

Assim, em consonância com essa citação, ponderamos sobre a possibilidade de mudança que os *multiletramentos antirracistas* representam no que concerne ao papel dos pesquisadores, em especial, dos linguistas aplicados, na validação e replicação de saberes que favoreçam a dignidade da vida humana, a partir de suas próprias vidas e, sobretudo, para além dos muros universitários.

Conforme já destacamos anteriormente, consideramos a sequência de *posts* que motiva este estudo um bloco indissociável de sentido, nesse caso, mais especificamente, um todo de sentido socioeducativo e político. Isso porque, a nosso ver, o seu conjunto manifesta, da primeira à última mensagem postada, uma ação narrativa multimodal dessa natureza. Desse modo, qualquer uma das mensagens que integram o conjunto em questão tem seu sentido atrelado às demais. De outro lado, o sentido do bloco que elas constituem, inevitavelmente, depende de determinadas narrativas (relatos, histórias de vida, fatos e acontecimentos [históricos inclusive]) e de determinados aspectos narrativos (localizações espaço-temporais, cronologia de acontecimentos, historicidade, temporalidade e ancestralidade).

Assim, podemos dizer que a natureza narrativa do conjunto de *posts* em tela não apenas legitima a sua inseparabilidade como condição de produção de sentidos enquanto prática de *multiletramentos antirracistas*, bem como autoriza tomá-la como unidade de análise na pesquisa em LAC sobre essa prática. Essa consideração metodológica, por seu turno, está amparada pela afirmação de Moen (2006, p. 4, tradução nossa), segundo a qual:

Uma unidade não deve ser um conjunto difuso e sincrético de elementos, algo que combina tudo com tudo o mais. Deveria, sim, ser um todo integrado. A unidade de análise também deve ser uma parte viva do todo. Deve ser um sistema unificado que não pode ser dividido ainda mais. Qualquer divisão adicional do todo em elementos é possível, mas resulta em sua decomposição como uma entidade viva e unificada. A unidade também deve manter as características do todo unificado, embora possam existir contradições e oposições internas. Finalmente, a unidade de análise deve ser capaz de desenvolvimento, incluindo autodesenvolvimento. Deve possuir as propriedades inerentes apropriadas e o potencial de ser transformado em algo diferente de sua forma inicial [...]. Sustento que a narrativa contém todos esses critérios. As narrativas não são divididas em elementos; elas não são reducionistas nem estáticas.

Além disso, devemos considerar que a unidade de sentido e o (auto)desenvolvimento (provavelmente verificáveis na cadeia de *posts* de outros usuários que dão continuidade ao conjunto em questão) são garantidos pelo predomínio do caráter narrativo dos textos das mensagens (“O caso foi relatado pelos @J_LIVRES.”), assim como por seu objetivo socioeducativo e político nas práticas que envolvem *multiletramentos antirracistas* (“LEIAM E COMPREENDERÃO MELHOR O QUE ACONTECEU. REVOLTANTE DEMAIS!”).

Ainda, nesse tipo de prática, as pessoas engajadas posicionam seus corpos, não apenas para adquirirem uma existência hipermidiática, mas, sobretudo, para que suas identidades estejam inscritas numa superfície onde as respectivas subjetividades possam ser geradas e corporificadas a serviço de uma (re)ação antirracista hipermidiática de caráter socioeducativo e político. Assim, as identidades corporificadas por meio da multimodalidade podem manifestar historicidades e ancestralidades, as quais, dentre outras dimensões da existência humana, podem, como já apontamos, favorecer sobremaneira a agência do sujeito.

Nesse sentido, podemos considerar que a foto que estampa o primeiro *tweet* do *thread*, na qual Charlete Viana Santos aparece com o cupom fiscal na mão esquerda e com o braço direito erguido e o punho cerrado, de um lado, corporifica suas identidades de raça e gênero, e, de outro, resgata e manifesta o gesto da luta antirracista que, historicamente, sempre esteve associado ao Movimento pelos Direitos Civis, em especial aos Panteras Negras e ao Movimento *Black Power*, nos Estados Unidos, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, gesto que, aliás, também foi adotado pelo

Movimento Negro, no Brasil e em outras partes do mundo, inclusive por pessoas de outros pertencimentos étnico-raciais, portanto, não negras.

Isso se coaduna com o ponto de vista da LAC aqui adotado, cuja postura

[...] implica uma refocalização do trabalho crítico transformador, o qual não pode mais ser definido com base em uma discussão racional ou em uma suposta consciência crítica sobre as relações sociais: é preciso reconhecer que as narrativas e a memória operam nas práticas pedagógicas e na pesquisa não somente como possibilidades de se contar histórias ou compartilhar experiências, mas como instrumentos que permitem observar como os nossos corpos e desejos foram/são construídos. (URZÊDA-FREITAS; PESSOA, 2012, p. 234-235).

Portanto, na medida em que o presente estudo, de caráter crítico, mobiliza narrativas e memórias negras em uma prática de *multiletramentos antirracistas*, parece lícito trazer à baila um aspecto, a nosso ver, relevante da pesquisa narrativa, que, do modo como o vemos, torna-o um viés metodologicamente significativo para que o trabalho crítico favoreça também uma transformação da pesquisa e do(a) pesquisador(a), seja ele(a) negro(a) ou não.

Trata-se, aqui, do fato de que a experiência humana é sempre narrada e, por conseguinte, a pesquisa narrativa está focada em como os indivíduos atribuem significado às suas experiências por meio das histórias que contam (MOEN, 2006). Por essa ótica, pensamos que seria possível um(a) pesquisador(a), nesse caso, um(a) linguista aplicado(a), mediante uma pesquisa dessa natureza, transcender a *empatia pelo outro* e realizar um movimento em direção à *ação com o outro*.

Dessa forma, podemos aventar que um(a) pesquisador(a), ao direcionar seu foco de atenção para narrativas sobre a dor e as (re)ações daqueles(as) que sofrem (com o) racismo, estaria atribuindo significados socioeducativos e políticos às atividades de pesquisa que desenvolve, e (talvez) até mesmo a certas experiências pessoais. Assim, estaria também, em certa medida, (re)agindo contra o racismo e, sobretudo, compartilhando de saberes (*savoirs*) alheios, os quais são, geralmente, construídos mediante vivências étnico-raciais marcadas por desigualdades e injustiças (“Testemunhas, a maioria mulheres negras que trabalham a cerca da loja, afirmaram que nessa loja sempre ocorrem crimes de racismo, ou seja, não foi a primeira vez.”); saberes estes, epistemológica e socialmente, tão relevantes quanto os conhecimentos científicos que caracterizam sua formação acadêmica. Esta nossa suposição, por seu turno, se remete à afirmação de Santos (2008, p. 92), segundo a qual:

Duvidamos suficientemente do passado para imaginarmos o futuro, mas vivemos demasiadamente o presente para podermos realizar nele o futuro. Estamos divididos, fragmentados. Sabemo-nos a caminho mas não exactamente onde estamos na jornada. A condição epistemológica da ciência repercute-se na condição existencial

dos cientistas. Afinal, se todo o conhecimento é autoconhecimento, também todo o desconhecimento é autodesconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos este artigo, não podemos deixar de pensar nas circunstâncias e no contexto obscurantista antidemocrático e desumano que voltamos a viver (ou continuamos vivenciando) em várias partes do mundo e, particularmente, no Brasil. Isso porque, neste exato momento em que concluímos o presente texto (arremedo de ação social), milhares de pessoas de diversas etnias, gêneros, credos religiosos e convicções políticas sofrem com a falta de liberdade, violências e ameaças de todo tipo, mas, principalmente, com a falta de perspectivas e, sobretudo, de esperança.

O exemplo de prática de *multiletramentos antirracistas* que discutimos neste artigo mostra cada vez mais a centralidade da linguagem na contemporaneidade, particularmente no que diz respeito ao modo como atualmente construímos significados textualmente, mas também no que concerne a como lidamos com questões relacionadas ao “saber” e ao “poder” na internet, as quais devem, portanto, se tornar parte de uma agenda para a educação brasileira. Nesse sentido, lidar com práticas de multiletramentos (antirracistas, antissexistas, anti-homofóbicos, dentre outros) e de letramentos críticos, como bem aponta Mont Mór (2015, p. 41), se mostra bastante profícuo no “[...] desenvolvimento de habilidades de percepção social, de construção de sentidos, do reconhecimento de outras formas de construção de conhecimento (diferentes das tradicionais e legitimadas), de promoção de agência e de cidadania ativa, dentre outras habilidades que despontam e se fazem conhecidas”.

Por isso, é preciso ter claro que não há texto, de qualquer gênero, autoria ou temática que, em um momento sombrio como o atual, deixe de expressar aquilo que é mais característico da nossa espécie, o uso da linguagem como instrumento de humanização ou de desumanização. Isto podemos escolher! Mas nunca é uma escolha solitária. E se podemos escolher coletivamente, isso significa que temos sempre a possibilidade de “[...] estar não apenas no mundo, mas com o mundo [...]”, em que “[...] o indivíduo não é um espectador [...]”, mas um “recriador” (FREIRE, 1982, p. 53).

REFERÊNCIAS

BARTON, D.; LEE, C. Atuar num mundo social textualmente mediado. *In*: BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 39-62.

BLOMMAERT, J. O discurso político em sociedades pós-digitais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, n. 1, p. 390-403, 2020. [2175-764X-tla-59-01-0390.pdf \(scielo.br\)](https://doi.org/10.1590/2175-764X-tla-59-01-0390.pdf)

CAZDEN, C. *et al.* A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. **Harvard Educational Review**, Cambridge, v. 66, n.1, p. 60-92, 1996. DOI: <https://doi.org/10.17763/haer.66.1.17370n67v22j160u>

CERVETTI, G.; PARDALES, M. J.; DAMICO, J. S. A tale of differences: comparing the traditions, perspectives and educational goals of critical reading and critical literacy. **Reading Online**, v. 4, n. 9, 2001.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Designs for social futures. *In*: COPE, B.; KALANTZIS, M. (eds.). **Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000. p. 203–234.

COPE, B.; KALANTZIS, M. “Multiliteracies”: New Literacies, New Learning. **Pedagogies: An International Journal**, London, v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/15544800903076044>

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GEE, J. P. **Social linguistics and literacies: ideology in discourses**. 2. ed. London: Taylor & Francis, 1996.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Ministério da Educação, 2005. p. 39-62.

GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. *In*: GOMES, N. L. (org.) **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 97-109.

GONZALEZ, M. (2019). Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/11/04/mulher-denuncia-racismo-em-loja-de-roupas-em-sp.htm>. Acesso em: 4 nov. 2019.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

KALANTZIS, M; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

LUKE, A. Foreword. *In*: McLAUGHLIN, M.; DeVOOGD, G. **Critical literacy: enhancing students’ comprehension of text**. New York: Scholastic, 2004.

MOEN, T. Reflections on the narrative research approach. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 5, n. 4, p. 56-69, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1177/160940690600500405>

MONT MÓR, W. Crítica e Letramentos Críticos: Reflexões Preliminares. *In*: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. (org.). **Língua Estrangeira e Formação Cidadã: Por entre Discursos e Práticas**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2015. p. 31-50.

PENNYCOOK, A. **Critical applied linguistics: a critical introduction**. Mahwah/New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2001. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781410600790>

PINHEIRO, P. A. Pesquisa em contextos de ensino e aprendizagem por meio do uso da internet: uma ecologia de saberes. **Educação e Pesquisa**, v. 44, p. 1-15, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-4634201844180699>

RATTS, A. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Instituto Kuanza, 2007.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

URZÊDA-FREITAS, M. T.; PESSOA, R. R. Rupturas e continuidades na Linguística Aplicada Crítica: uma abordagem historiográfica. **Calidoscópico**, v. 10, n. 2, p. 225-238, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2012.102.09>